

CNBB. CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2024:

Fraternidade e amizade social.

TEXTO-BASE. Brasília: CNBB, 2023.

*DOM ANSELMO CHAGAS DE PAIVA, OSB\**

Com a quarta-feira de cinzas tem início o tempo da Quaresma em preparação à Páscoa do Senhor. Como vem ocorrendo há vários anos, a Igreja no Brasil realiza durante este período a Campanha da Fraternidade, como proposta para que todos os fiéis vivam de maneira mais concreta esse tempo litúrgico que nos chama à conversão e a uma mudança de vida. Para este ano de 2024 o tema da Campanha da Fraternidade procurou refletir sobre a Fraternidade e Amizade Social, tendo como lema uma frase do Evangelho Segundo São Mateus: “Vós sois todos irmãos e irmãs” (Mt 23,8); sublinhando com isto o valor e a beleza da fraternidade humana.

O texto-base da Campanha da Fraternidade 2024 é a reflexão fundamental de apoio que sustenta o caminho para um debate sobre o tema proposto em uma ocasião propícia para a prática de uma verdadeira penitência e conversão. O texto está estruturado em três capítulos, distribuído em 85 páginas, com a aplicação do método: ver (I); iluminar (II); agir (III), elaborado pela Conferência dos Bispos do Brasil como um instrumento de comunhão eclesial, de formação das consciências e do comportamento cristão, visando a edificação de uma verdadeira fraternidade cristã e amizade social entre as pessoas, o que levou o episcopado brasileiro a aprofundar o tema da fraternidade como algo contraponto ao processo de divisão, ódio, guerras e indiferença que tanto tem marcado sociedade atual em vários lugares.

---

\* Dom Anselmo Chagas de Paiva, OSB é doutor em Direito Canônico e diretor da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro (FSB-RJ). Contato: [d.anselmo@corporativo.msbrj.org.br](mailto:d.anselmo@corporativo.msbrj.org.br)

Com o objetivo de proporcionar vínculos de amizade, capazes de estimular a comunhão, a reconciliação entre as pessoas o espírito fraterno e favorecer a promoção do bem comum, a Campanha da Fraternidade ressalta em seu texto-base que somente através da amizade social é possível construir vínculos sólidos, não como algo privado e fechado entre duas pessoas, mas, ao contrário, seja um convívio ampliado a uma responsabilidade social. Quando dois amigos ou um grupo se fecha na amizade, se empobrece e, dessa forma, não contribui para o bem comum, porque esqueceu da sua dimensão social. A família é o primeiro grupo natural de experiência de amizade chamada a abrir-se às necessidades dos outros. Por isso, em geral, aprendemos a ser solidário no seio familiar, pois a sociedade é uma rede de famílias<sup>1</sup>.

Vale ressaltar que este tema da Campanha da Fraternidade de 2024 é inspirado na Carta Encíclica *Fratelli Tutti* sobre a fraternidade e a amizade social do Papa Francisco, publicada no ano 2020. Em um mundo marcado por múltiplas formas de violências, grupos fechados e tendências extremistas, somos chamados a promover a experiência da amizade aberta, que possa ultrapassar barreiras e promover o diálogo, a solidariedade, a comunhão, a compaixão, a justiça, a paz e a harmonia entre as pessoas, para que se concretize em ação ao longo da vida, e não se limite apenas nas palavras<sup>2</sup>.

Nesta Carta Encíclica o Papa Francisco lança para a humanidade um sonho:

Desejo ardentemente que, neste tempo que nos cabe viver, reconhecendo a dignidade de cada pessoa humana, possamos fazer renascer, entre todos, um anseio mundial de fraternidade... Ninguém pode enfrentar a vida isoladamente; precisamos de uma comunidade que nos apoie, que nos auxilie e dentro da qual nos ajudemos mutuamente a olhar em frente. Como é importante sonhar juntos! Sozinho, corres o risco de ter miragens, vendo aquilo que não existe; é juntos que se constroem os sonhos. Sonhemos como uma única humanidade, como caminantes da mesma carne humana, como filhos desta mesma terra que nos alberga a todos, cada qual com a riqueza da sua fé ou das suas convicções, cada qual com a própria voz, mas todos irmãos<sup>3</sup>.

O texto-base da Campanha da Fraternidade nos exorta a superarmos os conflitos e as indiferenças. Muitos são os desentendimentos que podem ocorrer

1 Cf. Campanha da Fraternidade 2024, Fraternidade e amizade social – texto-base, Brasília, Edições CNBB, 2024, p. 38-39.

2 Cf. FRANCISCO PP, *Carta Encíclica sobre a fraternidade e a amizade social “Fratelli Tutti”*, São Paulo, Paulinas, 2020, n.6.

3 FRANCISCO PP, *Carta Encíclica sobre a fraternidade e a amizade social “Fratelli Tutti”*, São Paulo, Paulinas, 2020, n. 8.

na vida diária, nos contextos familiares, comunitários, sociais. A Campanha quer reforçar o valor do diálogo entre as pessoas e os povos. O outro não será visto como inimigo, mas como alguém a contribuir para o fortalecimento da amizade social. A indiferença perante o sofrimento alheio leva a pessoa a não olhar o outro como alguém necessitado de ajuda; e, por sua vez, não consegue ver nele a presença de Jesus Cristo<sup>4</sup>.

As pessoas podem estar fisicamente perto umas das outras, mas longe de uma forma existencial. Isto não condiz com a fraternidade humana, com a amizade social da qual se fortalece a forma física das pessoas estarem perto uma das outras e ao mesmo tempo de uma forma existencial. No conturbado mundo em que vivemos, a ausência da verdadeira amizade é uma das causas de inúmeros males com as suas consequências: o isolamento, a solidão, a falta de interesse pela vida etc. Jesus nos chama de irmãos e de irmãs, de modo que a convivência seja dada desta forma: na fraternidade. Ele quer que vivamos na condição de irmandade, de amor verdadeiro, porque ele mesmo nos amou até o fim (cf. Jo 13,1). A medida do amor com a qual nós somos chamados a amar os outros vem dele, um amor total, integro, até a entrega total de sua vida pela salvação da humanidade (cf. Jo 13,34).

Em sua mensagem de Abertura para a Campanha da Fraternidade diz o Papa Francisco:

Como irmãos e irmãs, somos convidados a construir uma verdadeira fraternidade universal que favoreça a nossa vida em sociedade e a nossa sobrevivência sobre a terra, nossa casa comum, sem jamais perdermos de vista o Céu, onde o Pai nos acolherá a todos como seus filhos e filhas. Infelizmente, ainda vemos no mundo muitas sombras, sinais do fechamento em si mesmo. Por isso, lembro da necessidade de alargar os nossos círculos para chegarmos àqueles que, espontaneamente, não sentimos como parte do nosso mundo de interesses<sup>5</sup>.

Desde a mais remota antiguidade, o homem se interrogou sobre a essência da amizade e a necessidade de interagir com outras pessoas, criando vínculos sólidos para a ajuda mútua. Podemos dizer que a amizade é uma certa comunidade ou participação solidária de várias pessoas em atitudes, valores ou bens determinados. Assim sendo, podemos dizer que a amizade é uma relação afetiva, é um relacionamento humano que envolve o conhecimento mútuo e a

4 V. CORBELLINI, *A importância da Campanha da Fraternidade 2024*, in [www.cnbb.org.br](http://www.cnbb.org.br). Acesso em: 20 mai. 2024.

5 Cf. FRANCISCO PP, *Mensagem para a abertura da Campanha da Fraternidade 2024*, in [www.vatican.va](http://www.vatican.va). Acesso em: 18 mai. 2024.

afeição profunda de uma pessoa por outra. Segundo os estudiosos, a amizade pode ter nascido a partir do instinto de sobrevivência da espécie, com a necessidade de proteger e ser protegido por outros seres<sup>6</sup>.

A Sagrada Escritura já frisa: “O amigo fiel não tem preço” (Sl 6,15), pois “ele ama em todo o tempo” (Pv 17,17). E o Livro do Eclesiástico sintetiza: “O amigo fiel é uma forte proteção; quem o encontrou, deparou um tesouro” (Eclo 6,14). E completa: “O amigo fiel é um bálsamo de vida e de imortalidade, e os que temem o Senhor acharão um tal amigo, porque estes serão semelhantes a Ele” (Eclo 6,16-17).

Sob este cenário, temos o amor como elemento essencial para gerar estáveis vínculos de amizade entre os povos. Vale lembrar que a palavra amizade vem do latim *amicus*, que quer dizer amigo, que possivelmente se derivou de amare; amar. E o próprio Jesus, na plenitude dos tempos, apresentou-se como legítimo amigo e declarou: “Já não vos chamo servos, mas amigos” (Jo 15,15), e havia dito: “Ninguém dá maior prova de amor do que aquele que dá a vida pelos amigos” (Jo 15,13). Com isto, Jesus amplia a dimensão deste amor a todos: supõe um conceito de próximo que não tem fronteiras (cf. Lc 10,29-37) e estendido também aos inimigos (cf. Mt 5,43-47). É importante notar que o amor ao próximo é visto como imitação e prolongamento da bondade misericordiosa do Pai celeste, que provê às necessidades de todos e não faz distinção de pessoas (cf. Mt 5,45). Os dois mandamentos do amor representam de fato a síntese e o vértice da Lei e dos Profetas (cf. Mt 22,40). Só quem pratica ambos os mandamentos não está longe do Reino de Deus, como Jesus mesmo ressalta, respondendo a um escriba que o interrogara (cf. Mc 12,28-34).

Como de fato, o sinal por excelência deixado pelo Senhor é o da fraternidade vivida: “Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (Jo 13,35). Assim seremos sal da terra e luz do mundo. É o sinal do nosso testemunho e da nossa origem divina e é um testemunho para aqueles que desejam seguir o Cristo, atraindo novos discípulos, a exemplo da comunidade primitiva: “Eram assíduos em escutar o ensinamento dos Apóstolos e na união fraterna, na fração do pão e nas orações” (At 2,42), “e aumentava o número dos homens e das mulheres que acreditavam no Senhor” (At 5,14). Assim, pelo amor de Deus difundido em seus corações graças ao Espírito Santo (cf. Rm 5,5), a comunidade torne-se uma verdadeira família reunida em nome do Senhor<sup>7</sup>.

<sup>6</sup> Cf. G. AGAMBEN, *O amigo. Cadernos de leitura*, São Paulo, Companhia das Letras, 2007, p. 11.  
<sup>7</sup> CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, *Decreto sobre a conveniente renovação da Vida Religiosa “Perfectae Caritatis”*, Petrópolis, Vozes, 1965, n. 15.

Durante a última ceia, Jesus confiou aos seus apóstolos o mandamento novo do amor mútuo: “Eu vos dou um novo mandamento: que vos ameis uns aos outros; como eu vos tenho amado, assim amai-vos também vós uns aos outros” (Jo 13,34; cf. 15,12). Jesus fala em um “novo mandamento”, mas a expressão “novo”, utilizada por Jesus, não significa que até então era este mandamento desconhecido. O próprio Jesus tinha recordado que amar a Deus e ao próximo era o mandamento maior da Lei antiga (cf. Mc 12,28-31). A novidade deste novo mandamento é que não se trata do antigo e conhecido mandamento que ordenava “amar ao próximo como a si mesmo” (Lv 19,18). O “novo” deste mandamento consiste, exatamente, no “como eu vos amei”. Nem a palavra amar, nem o mandamento do amor são novos. Novo é amar como Jesus, amar em Jesus, por causa de sua palavra impressa em cada página do evangelho<sup>8</sup>. Quem nos dá esse amor é o mesmo que diz “Amái-vos uns aos outros como eu vos amei” (Jo 13,34). Foi para isso que ele nos amou, para que nos amássemos mutuamente. Com este novo mandamento Jesus nos mostra que devemos amar da mesma maneira como ele nos amou.

Podemos até dizer que Jesus nos amou mais do que a si mesmo. Se não nos houvesse amado assim, não teria descido de sua natureza divina e de sua igualdade com o Pai e vindo até nossa miséria; não teria suportado por nós a morte tão cruel, as bofetadas dos judeus, as zombarias e injúrias, em uma palavra, tudo o que sofreu. Se não nos houvesse amado mais que a si mesmo, também não teria querido de rico tornar-se pobre (cf. fl. 2,6-8). Nova é, portanto, a medida deste amor<sup>9</sup>.

Ele amou a todos sem exceção, justos e pecadores. Na cruz, perdoou até os que o haviam condenado injustamente e rezou por eles: “Pai, perdoai-lhes porque não sabem o que fazem” (Lc 23,34). O verbo ἀγαπάω (agapaô), traduzido do grego como “amar”, utilizado no texto, define o amor como sinal de manifestação pelo outro até ao extremo, o amor que não guarda nada para si, mas é entrega total e absoluta. Pode-se ainda dizer que trata-se de um amor-caridade, um amor-ágape ἀγάπη (ágapē), que significa amar ao outro por causa de Deus.

O ponto de referência desse amor é o próprio Jesus, como prescreve o complemento da frase: “como eu vos tenho amado”. Amar consiste em acolher, em pôr-se ao serviço dos outros, em dar-lhes dignidade e liberdade pelo amor, e isso sem limites. O amor, igual ao de Jesus, que os discípulos devem manifestar

<sup>8</sup> Cf. S. AGOSTINHO, *Comentário sobre o Evangelho de São João*, in *Lecionário Monástico*, Rio de Janeiro, Lumen Christi, 2000, p. 384.

<sup>9</sup> Cf. S. CIRILO DE ALEXANDRIA, *Comentário sobre o Evangelho de São João*, in *Lecionário Monástico*, Rio de Janeiro, Lumen Christi, 2000, p. 387.

entre si, será visível para todos (cf. Lc 23,35). Trata-se de um amor universal, capaz de transformar todas as circunstâncias negativas e todos os obstáculos em ocasiões para progredir ainda mais neste amor<sup>10</sup>.

Além de proclamar o mandamento do amor, Jesus deixou esta norma como sinal distintivo para os seus seguidores: “Nisso conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros” (Lc 23,35). Por vontade expressa de Cristo é o amor o sinal de identificação de seus discípulos. Como já nos diz o Evangelista São João: “Se alguém diz: ‘Eu amo a Deus e odeia a seu irmão’ é mentiroso. Pois, quem não ama o seu irmão, ao qual viu, como pode amar a Deus, a quem não viu? Quem ama a Deus, ame também o seu irmão” (1Jo 4,20s). E o Evangelista São João reitera: “Sabemos que passamos da morte para a vida porque amamos os irmãos. Quem não ama permanece na morte” (1Jo 3,14). Jesus também instituiu a Eucaristia que, fazendo-nos comungar no único pão e no único cálice, sejamos alimentados no amor mútuo. Ele também dirigiu-se ao Pai pedindo, como síntese de seus desejos, a unidade de todos conforme o modelo da unidade trinitária: “Meu Pai, que eles estejam em nós, assim como tu estás em mim e eu em ti; que eles sejam um!” (Jo 17,21).

Como constatamos, o amor para com o próximo tem uma conotação cristológica, pois deve adequar-se ao dom que Cristo fez da própria vida: “Nisto conhecemos o amor... Jesus deu a sua vida por nós, e nós devemos dar a vida pelos nossos irmãos” (1Jo 3,16). Enquanto medido segundo o amor de Cristo, ele pode chamar-se “mandamento novo”, que permite reconhecer os verdadeiros discípulos. O mandamento do amor fraterno é descrito como o testamento e a herança do Senhor, que com seu próprio amor nos possibilita a sua prática. Por vontade expressa de Cristo é o amor o sinal também de sua presença invisível, mas real, neste mundo e no meio de nós<sup>11</sup>, daí a importância do amor fraterno que somente cede seu lugar ao amor de Deus, com o qual Jesus o une e o equipara (cf. Mt 22,34-40).

O amor de amizade *φιλία* (*philia*), é apresentado no Novo Testamento com um significado mais profundo, sobretudo no Evangelho de São João, para exprimir a relação entre Jesus e os seus discípulos (cf. Jo 15,13-18). Trata-se de um amor caracterizado por uma conexão sólida e sincera entre amigos, onde há lealdade, confiança e apoio mútuo. Com isto, pode-se ressaltar que é importante cultivar amizades verdadeiras, baseadas em valores cristãos como amor, respeito, compaixão e perdão. Isso envolve estar presente na vida dos amigos, oferecer

10 Cf. BENTO PP XVI, *Carta Encíclica sobre o amor cristão “Deus caritas est”*. São Paulo, Paulus, 2005, n. 6.

11 Cf. S. JOÃO PAULO PP II, *A virtude teologal da caridade: amor para com o próximo*, in w2.vatican.va. Acesso em: 24 jun. 2020.

apoio emocional e espiritual, e compartilhar momentos de alegria e tristeza. Trata-se de um amor que exige presença do outro, de modo que, nas relações, ambos crescem e se complementam<sup>12</sup>.

Santo Agostinho fala que a amizade é tão verdadeira e tão vital, que nada mais santo e vantajoso pode-se desejar no mundo. E ressalta: “Eu amava a meus amigos desinteressadamente, e também sentia que eles me amavam com o mesmo desinteresse...”<sup>13</sup>. Santo Agostinho propõe uma nova definição cristã para a amizade ao dizer: “A amizade só é verdadeira quando une pessoas ligadas a Ti pelo ‘amor derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado’”<sup>14</sup>. E conclui a sua reflexão dizendo: “A amizade é tão essencial quanto a própria vida”<sup>15</sup>.

Na sequência, Santo Tomás de Aquino recorda em sua *Suma Teológica* que “a caridade é a amizade do homem com Deus em primeiro lugar, e com os seres que a Ele pertencem”<sup>16</sup>. Por conseguinte, se cultivar a amizade significa amar, ela não pode ter outro fim senão a amizade com Deus, que se concretiza na amizade também com o seu próximo. E desenvolve o seu pensamento dizendo: “A amizade diminui a dor e a tristeza”<sup>17</sup>. E completa: “Qualquer amigo verdadeiro quer para seu amigo: 1) que exista e viva; 2) todos os bens; 3) fazer-lhe o bem; 4) deleitar-se com sua convivência; e 5) finalmente compartilhar com ele suas alegrias e tristezas, vivendo com ele um só coração”<sup>18</sup>. E ainda assevera: “O amigo é melhor que a honra, e o ser amado, melhor que o ser honrado”<sup>19</sup>.

Na filosofia clássica a amizade é um laço muito especial entre duas pessoas. E esse laço não se baseia apenas em interesses e diversões, mas em virtudes e crescimento humano. Para Aristóteles, a amizade é vista como um dos mais altos valores da vida humana; uma forma de virtude e uma parte essencial da busca pela felicidade; uma relação baseada na virtude, no respeito mútuo e na busca do bem do outro; e para ser duradoura, precisa estar alicerçada em valores compartilhados e em um senso de confiança mútua. Na sua concepção “a amizade é um coração que habita em duas almas”<sup>20</sup> e chama de amizade verdadeira aquela que se baseia na virtude, além da afeição mútua. E afirma:

12 Cf. BENTO XVI, *Carta Encíclica sobre o amor cristão “Deus caritas est”*, São Paulo, Paulus, 2005, n. 3.

13 S. AGOSTINHO, *As Confissões*, Petrópolis, Vozes, 2015, IV, 4, 7.

14 S. AGOSTINHO, *As Confissões*, Petrópolis, Vozes, 2015, IV, 4, 6.

15 S. AGOSTINHO, *As Confissões*, Petrópolis, Vozes, 2015, IV, 4, 6.

16 S. TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica*, São Paulo, Loyola, 2009, II, q. 23, a.1.

17 S. TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica*, São Paulo, Loyola, 2009, I-II, q. 36, a. 3.

18 S. TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica*, São Paulo, Loyola, 2009, II-II, q. 25, a. 7.

19 S. TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica*, São Paulo, Loyola, 2009, II-II, q. 74, a. 2.

20 ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1999, p. 162.

“Com efeito, ninguém escolheria viver sem amigos, ainda que dispusesse de todos os outros bens, e até mesmo os ricos, os que ocupam altos cargos, e os que detêm o poder são os que mais precisam de amigos; de fato, de que serviria tanta prosperidade sem a oportunidade de fazer o bem, se este se manifesta, sobretudo e em sua mais louvável forma em relação aos amigos?”<sup>21</sup>.

A amizade também possui elementos éticos, visto que os amigos querem o bem um ao outro, na qual a alteridade se trata de um ideal de virtude que talvez possa se atualizar nas demais relações sociais. Outro ponto que merece destaque, é que a escolha dos amigos depende de certa afeição e pode unir aqueles que fazem parte de um mesmo espaço, mas que formam elos que vão além do espaço institucional, uma vez que o encontro não é regido apenas por pessoas que buscam os mesmos objetivos<sup>22</sup>.

Sob este mesmo ponto de vista, São Tomás de Aquino afirma ser o amigo “um outro em si mesmo”<sup>23</sup>, ou seja, um outro “eu”. Tão íntima é a intimidade existente na amizade que as pessoas envolvidas nessa relação representam uma unidade em um todo harmônico, pois almejam o bem mútuo, concentrando, assim, as ações em um único fim. Diante disso, é importante ressaltar que o amor típico desse relacionamento não termina com a distância, pois permanece na memória particular, na própria essência da individualidade. Por fim, somente através da convivência com pessoas verdadeiramente comprometidas com os elementos genuínos do amor é possível o progresso na autêntica amizade e, por conseguinte, na felicidade integral”.

Nessa visão filosófica, a amizade torna-se um tipo muito especial de relacionamento humano. Como ela tem por base o compartilhamento de virtudes e implica no crescimento de ambas as partes. Ou seja, quem tem um amigo verdadeiro cresce à medida que vivencia e alimenta a amizade. Por isto, ter um amigo é ter um farol que ilumina o caminho para um futuro de luz e de esperança, e que possibilita sermos fiéis a nós mesmos. Neste sentido, a amizade é fundamental para uma vida completa e saudável. Mas para que uma amizade se desenvolva é preciso convivência. É preciso observar o amigo, estar ao lado dele e compartilhar parte da nossa própria vida. Essa presença na vida do outro permite que as virtudes sejam compartilhadas e os laços de amizade sejam constantemente reforçados.

A igualdade é outra característica importante da amizade. O amigo é considerado como outra pessoa que é igual a si mesmo. Ou seja, no outro você

21 ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1999, p. 163.

22 Cf. ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1999, p. 164.

23 S. TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica*, São Paulo, Loyola, 2009, II, q. 23, a.1



pode ver refletido sua pessoa e seu caráter. Essa semelhança implica uma série de características comuns que compartilhamos com o amigo, como códigos, gostos e ideologias. Muitas vezes nos terá acontecido medir a amizade com base nas coisas em comum que compartilhamos com nossos amigos.

Em suma, a amizade de alguma forma nos convida a refletir sobre uma das relações humanas mais fundamentais que temos, pois os laços de amizade trazem amor, alegria, reciprocidade e transformação; para que possa ser comunhão no pensamento e na vontade<sup>24</sup>.

## Conclusão

No entanto, assim como qualquer relação humana, a amizade também pode enfrentar desafios e conflitos. Desentendimentos, divergências de opiniões e até mesmo rupturas são possíveis na amizade. No entanto, amigos verdadeiros são capazes de enfrentar esses desafios juntos, se comunicando de forma aberta e honesta, buscando a compreensão e o perdão, e trabalhando para a reconciliação.

Que estas reflexões possam nos auxiliar a melhor colocarmos em prática estes ensinamentos propostos pelo texto-base da Campanha da Fraternidade/2024, e possam angariar copiosos frutos no nosso convívio, estreitando sempre mais os laços de amizade e afeto, para a construção de um mundo novo, onde todos nós possamos ser um, com o objetivo de construir uma sociedade melhor, onde possamos estar unidos pela amizade e pelo mútuo amor.

Resenha recebida em 27/05/2024 e aprovada para publicação em 12/06/2024

## Como citar:

PAIVA, Anselmo Chagas de. RESENHA: Campanha da Fraternidade 2024: Fraternidade e amizade social. *Coletânea*. Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 23, n. 45, p. 121-129, jan./jun. 2024. DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v23i45-2024-7>

<sup>24</sup> Cf. BENTO PP VI, *Homilia na Missa Crismal de quinta-feira santa*, aos 13 de abril de 2006, in [www.vatican.va](http://www.vatican.va). Acesso em: 19 mai. 2024.